

# **Amílcar Cabral – Pedagogia e Comunicação no novo Milénio**

Permitam-me saudar a Universidade de Santiago pela feliz escolha de dois temas fundamentais na construção do diálogo democrático e de dois vultos superiores, Amílcar Cabral e Paulo Freire, um, eminente homem de acção, outro, um lídimo académico, que se complementam e que foram símbolos da generosidade humana e, mestres na utilização da comunicação para o “empowerment” e libertação dos povos.

Cabo Verde teve o ensejo de contar com a disponibilidade militante dessas duas individualidades universais na génese da construção da sua História moderna, que se notabilizaram pela utilização da pedagogia e da comunicação como meios de transformar o status quo e criar um novo paradigma nas relações entre os homens e as nações.

Paulo Freire, pedagogo internacional, muito popular nos meios académicos e em ambientes revolucionários, que tivemos o privilégio de conhecer e de dialogar, durante a sua estadia em Cabo Verde, logo após a independência, numa missão militante de contribuir simultaneamente na erradicação do analfabetismo e no reforço da consciencialização de cidadãos dos seus direitos e deveres sociais. Infelizmente ele não pôde cumprir o seu plano no nosso país, pois ele defendia que a alfabetização se devia processar em língua materna, contra o que o governo entendia. Tive a oportunidade de falar com o Ministro de Educação nessa

altura e apercebi-me de que o obstáculo era qual a variante do crioulo a utilizar. Freire diria mais tarde num fórum em Brasil:

*“ Vocês imaginem que se o Brasil fizesse uma revolução, vivesse uma revolução, e nos chegássemos aos camponeses brasileiros, e aos obreiros, aos operários brasileiros, e disséssemos o seguinte: - Olha, para revolução da gente avançar, nós vamos ter que alfabetizar agora, em espanhol. É a mesma coisa. Por exemplo, em Cabo Verde você pode alfabetizar em língua portuguesa sem violentar, eu não diria que é sem violentar, mas violenta um pouco”*. Na Guiné-Bissau, ele tinha abandonado o seu projecto, porque não acreditou na política de alfabetização na língua portuguesa. No Campo de Concentração do Tarrafal, já tínhamos experimentado com sucesso a língua materna na alfabetização de adultos. Com essa experiência, a organização da Juventude Africana Amílcar Cabral, então sob a nossa liderança, promoveu vários cursos de alfabetização nesses moldes. Informado disso, Freire interessou-se sobremaneira nessas experiências.

Freire foi um educador profissional que criou teorias de aprendizagem, reconhecidas internacionalmente, numa perspectiva de libertação dos oprimidos. O seu método tem por objectivo o desenvolvimento da consciência pela educação dos formandos, tornando-os sujeitos e não objectos do mundo. Dizia que os professores deviam conhecer os seus alunos para que compreendessem como os estudantes podem apreender. Que deviam ter humildade reforçada pelo amor e respeito aos estudantes. O grande desejo de Freire era haver maior oportunidade para os pobres e oprimidos do mundo e particularmente do Brasil.

Entretanto, não irei tratar da sua contribuição universal sobre pedagogia e comunicação, considerando o apertado do tempo que me foi disponibilizado para a apresentação deste tema, pelo que somente farei algumas referências à sua avaliação sobre o método pedagógico utilizado por Cabral em relação a quem manifestou tanta admiração, a ponto de parafrasear a famosa palavra de ordem: “Aprender sempre, na vida, junto ao povo e na experiência dos outros”. Diria: “Amílcar Cabral esteve na gestação de todos os movimentos de libertação das ex-colônias Portuguesa, desde o tempo que ele jovem ainda, estudava em Lisboa. Pessoalmente, lamentavelmente, eu nunca pude encontrar Amílcar, é uma das minhas frustrações, eu gostaria de tê-lo conhecido pessoalmente”.

Amílcar Cabral, que, no seu relacionamento com os povos de Cabo Verde e da Guiné, na qualidade de líder das suas independências e, particularmente com os militantes do partido que liderava, utilizou um método de comunicação e pedagogia muito similar ao proposto por Freire. Que percursos e que práticas na sua vida o teriam elevado a esse nível de comunicação e pedagogia, que soube utilizar de forma criativa e visionária, para mobilizar o povo e conquistar os apoios internacionais que se tornaram imprescindíveis para a libertação de Cabo Verde e da Guiné.

Uma das áreas de investigação promissoras de instituições de ensino como a Universidade de Santiago é a de promover estudos sobre testemunhos históricos que se encontram dispersos e

precisam de ser recolhidos com urgência e, sujeitos a uma análise com o devido rigor a fim de se estabelecer, em definitivo, os factos objectivos que enformam a nossa História. Mas, até aí, torna-se necessário que cada cidadão capaz de contribuir nessa construção tenha a iniciativas de se fazer ouvir em plenários desta natureza, onde poderão ser questionados e confrontados com outras opiniões. É nessa perspectiva que iremos intervir neste evento.

Fomos membro do PAIGC (Partido Africano para Independência da Guiné e Cabo Verde) fundado e liderado por Amílcar Cabral sem nunca o termos conhecido pessoalmente. Foram as suas ideias de libertação nacional, o poder da sua comunicação e sobretudo o seu irrefutável exemplo de determinação em tudo fazer para por fim ao colonialismo português na nossa terra, que cativou a nossa imaginação e determinou o nosso envolvimento, de forma organizada, em prol da independência nacional que teria um impacto marcante em toda a nossa vida. Por coincidência e por ironia do destino, eu havia de ouvir a sua voz dele, pela primeira vez, no do Campo de Concentração do Tarrafal, onde estava preso e dispúnhamos secretamente de um rádio transístor.

Nos primórdios dos anos sessenta, uma das décadas mais generosas da História da Humanidade para libertação dos povos oprimidos, apesar do PAIGC já ter sido fundado, a cena política em Cabo Verde e particularmente em Sta Catarina era nebulosa. Algumas ténues vozes de denúncia do colonialismo começavam

a ser ouvidas, mas de forma secreta. A iniciativa de um posicionamento nacionalista coube a um grupo de caboverdianos, no qual um dos elementos mais reconhecido, o Dr. José Leitão da Graça, que contrariamente aos seus companheiros, conseguiu fugir para o Senegal, e assim evitou a prisão e o julgamento a que os outros foram submetidos. Concorrencialmente, vozes contrárias às da independência eram ouvidas publicamente na Administração, na praça e mesmo através de certos clérigos. Falava-se muito do comunismo com um intento subtil de associar os protagonistas da independência à opressão que, de facto, os povos do Leste europeu sofriam sob esse sistema totalitário. Cedo, os antagonistas em acção na luta política colonial compreenderam que a batalha para independência era fundamentalmente uma luta de ideias. E assim, nessa altura, se estabeleceu a guerra de comunicação no nosso país, designado como de propaganda política, donde viria sobressair a genialidade pedagógica e de comunicação de Amílcar Cabral.

As primeiras comunicações radiofónicas vieram de Dakar no Senegal, país na altura recém independente, através de grupos diferentes do PAIGC, o que nos tinha agradado sobremaneira, pois era a primeira vez que ouvíamos a nossa língua materna a ser utilizada na rádio e além disso por que era crítica em relação aos colonialistas portugueses. Alguma linguagem utilizada nos tinha aparecido por banal e associada a ameaças que feriam alguns princípios da ética social e espiritual dum ambiente classicista e religioso como era o caso de Assomada, Santa Catarina. Apesar destas deficiências, o impacto dessa comunicação foi positiva e a mensagem bem recebida por aqueles que directa e indirectamente

a puderam ouvir. Devemos lembrarmo-nos de que receptores de rádio transistor quase não existiam em Cabo Verde, que a fonte energética dos aparelhos radiofónicos eram baterias do tipo que se usa nos carros e, que em Sta Catarina não devia haver mais do que poucas dezenas desses aparelhos. Por outro lado, a contra informação- colonial tinha iniciado as suas actividades tanto na rádio local como na emissora dita nacional com a sua máxima “*rádio Moscovo não fala verdade*”.

A situação política de então neste concelho, apesar de inexistência de qualquer manifestação aberta contra a o “status quo” colonial, era tensa, pois o governo colonial receava a sua população. Essa apreensão era devida à peculiaridade da sua História, do seu sentido gregário, da sua evolução e cultura acentuadamente nacionalista, apesar de tentativas de assimilação e de repressão culturais permanentes das autoridades. Amílcar mais tarde diria que “*a História nos ensina que qualquer que seja os aspectos materiais dessa dominação ela não pode manter-se senão pela repressão permanente e organizada da vida cultural de um povo*”. A História do município de Santa Catarina, estabelecido em 1834 para substituir o Concelho da Ribeira Grande de Santiago, e a construção de Assomada em 1912, sua sede, concebidos com participação efectiva de caboverdianos ilustres e preparados, foram iniciativas exemplares, que hoje deviam servir de exemplo na actual proliferação de municípios no nosso país. O desenvolvimento económico das ribeiras dos Engenhos, Boa-Entrada e Tabugal e mais tarde a da cultura do sequeiro com introdução do arado e doutras técnicas de exploração da terra, o desenvolvimento do artesanato, elevaram a importância

económica do município. A formação social em que se distinguiram fundamentalmente os morgados e os camponeses e a que mais tarde iriam associar-se os comerciantes e funcionários públicos, num ambiente de colaboração e confronto, onde a maioria, os camponeses não compartilhavam dos benefícios do poder colonial. Os “grandes” proprietários, também descendentes parcialmente dos antigos “brancos da terra”, assumiam, mesmo que parcialmente, essa cultura profunda. Nesse ambiente de acomodação cultural, inclusive a Igreja Católica teve de adaptar-se devido à sua dimensão e enraizamento. Essa expressão cultural partilhada e aceite no quotidiano durante mais de um século, traduzida numa matriz de resistência, de sentimento de pertença a um Concelho em franco progresso e que foi o centro das principais revoltas no tempo colonial em Cabo Verde, e de “casas grandes” dos proprietários, que eram também centros de saber e cultura, criaram uma idiossincrasia na população de Santa Catarina de tal modo, que, mais tarde, nos anos sessenta, a sensação era de que algo de importante finalmente tinha chegado, o que iria definir o papel de muitos dos seus filhos na luta de libertação de Cabo Verde. As obras de António Carreira, de Juvenal Cabral e do Dr. Santa Rita Vieira, inclusive as histórias orais populares, são elucidativas do ambiente social, económico e cultural dos séculos precedentes sobre o município de Santa Catarina, sobre o qual acabamos de apresentar uma breve sinopse.

Tudo indica que Amílcar Cabral não foi imune a esse ambiente e há estudiosos que pensam que a sua vivência em Santa Catarina, com a inteligência viva e curiosa que possuía, no

período mais fértil da sua aprendizagem, fê-lo sentir a cultura patriótica dos camponeses particularmente de Achada Falcão, as reivindicações da classe dos considerados “grandes” proprietários, que eram orgulhosos e instruídos até a metade do século passado, assim como a presença de emigrantes instruídos vindos dos EUA com Histórias sobre a luta do povo americano contra os colonialistas ingleses; esse ambiente provavelmente o influenciou politicamente inclusive na sua estratégia de aliança ao continente africano, para independência de Cabo Verde. Na nossa experiência, quase 30 anos mais tarde, quando introduzíamos o PAIGC no campo, apesar dos esforços da política de assimilação e de repressão do governo colonial, pudemos sentir a existência dum ambiente reivindicativo que Cabral tinha conhecido havia muito tempo. Parecia-nos então que de facto existia um alicerce firme sobre o qual se poderia construir uma estratégia política para o derrube do colonialismo em Cabo Verde. Portanto, Cabral teve uma oportunidade particular de conhecer bem a parte mais evoluída e reivindicativa do interior de Santiago que tradicionalmente tem influenciado toda a ilha.

A influência de Juvenal Cabral que foi professor primário, escritor e cidadão participativo, sobre o seu filho Amílcar foi importante. O princípio da complementaridade Guiné-Cabo Verde que mais tarde seria defendido por Cabral já tinha sido anteriormente expresso, em escrita, por Juvenal Cabral. Também se reconhecia no seu pai dotes de comunicação e de pedagogia.

Um outro caboverdiano ilustre, António de Paula Brito, director dos correios e recebedor do concelho da Praia, na sua



obra “Subsídios para Coreografia da Ilha de Santiago”, em 1888 já tinha defendido a ideia de ligação e complementaridade entre as duas colônias

Quaisquer que tenham sido as fontes de inspiração naquilo que viria ser a sua competência em transmitir ideias e conhecimentos, tudo indica que foi a sua praxis revolucionária aliada à sua perspicaz inteligência que o lançou como um eminente comunicador.

A vivência de Cabral em Santa Catarina, Praia e S. Vicente e mais tarde a sua investigação técnica agrícola no quadro dos seus estudos universitários permitiram-lhe conhecer profundamente o povo caboverdiano. Mais tarde, na Guiné, o inquérito agrícola realizado no âmbito das suas funções de agrónomo, permitiu-lhe conhecer, do mesmo modo, a estrutura social e económica das populações. Na sequência desses conhecimentos, ele adquiriu competências para definir uma estratégia política de mobilização enquadrada às justas aspirações dos guineenses e, saber com que contribuições deles podia contar no esforço da Luta de Libertação. Essa competência é um dos elementos definidores que lhe serviriam para dialogar com empatia e objectividade com os povos que representava como comunicar ao mundo com realismo a situação de atraso em que se encontravam e suas justas aspirações à independência. Assim, de uma forma sistemática, no início da Luta de Libertação Nacional, Cabral dirigiu, com clara sequência comunicações específicas para os seguintes agrupamentos sociais, solicitando-os a participarem nesse dever patriótico: juventude, empregados de comércio e funcionários,

militares caboverdianos e guineenses no exército colonial e inclusivamente soldados portugueses.

A sua formação técnica como engenheiro agrónomo não somente lhe deu os instrumentos para conhecer a agricultura, a principal actividade económica praticada nessas colónias, mas também o armou de um pensamento técnico e prático sobre organização de projectos e compreensão de conceitos complexos. Thomas Friedman no seu livro que é um best-seller, “The World is Flat” diz o seguinte: “*Fala-se com a liderança na China, eles são todos engenheiros, e compreendem o que está acontecendo no mundo económico e actual, imediatamente*”.

A sua capacidade de prever, segundo Paulo Freire, esse gosto do falar com o terceiro evidenciavam uma extraordinária competência, associada a uma sensibilidade histórica, qualidades absolutamente indispensáveis, ao saber científico, ao lado da sensibilidade do objectivo, do concreto, da objectividade. As pessoas que o conheceram salientavam, também, o seu imenso respeito ao senso comum, ao conhecimento que caracteriza a incerteza da sabedoria popular. Ele tinha um profundo respeito a isso. Quando os seus soldados diziam que utilizavam amuletos para se defenderem das balas ele os dizia: “*Eu gostaria de dizer aos camaradas que o que nos defende da bala do inimigo é saber ou não saber brigar*”. E depois acrescentava: “*Mas o partido respeita, respeita a crença, a convicção que está no corpo da nossa cultura*”. Eram essas as dimensões da cultura que ele chamava de debilidade da cultura, essas debilidades estavam do ponto do vista da sua análise, exactamente, nas relações entre o ser humano e o mundo natural. Entretanto, ele deixava claro que as pessoas não deviam ficar ao

nível daquela debilidade, mas partir daquela debilidade, para poder alcançar a sua superação.

As suas convicções políticas, a honestidade e a confiança que sentia como o líder natural dos dois povos, por ter iniciado de facto o processo das suas independências e, de se ter dedicado a essa obra com uma determinação e “sagesse” mais de que nenhum outro, e pela simpatia que granjeou no povo, credibilizaram-no a ser frontal nos problemas, mesmo em relação aos que não eram populares. Como dizia o intelectual e nacionalista caboverdiano Dr. Mário Fonseca, falecido há poucos meses, *“não é o que se diz, mas quem diz o quê”* é que importa. Contrariamente do que vem acontecendo no nosso país, por exemplo com a falta de autoridade de Estado perante a onda de violência, com a utilização da televisão maioritariamente para programas lúdicos e fúteis, com a confusão e promiscuidade entre a noção de cultura e pândegas, afim de se obter o voto fácil, Cabral orgulhava-se de que o seu partido fazia maior pressão nas populações da zona libertada de que as forças armadas coloniais, com as suas destruições e massacres, porquanto fazia esforços para convencer a população a organizar-se, a estudar, a utilizar novas técnicas, a respeitar as mulheres e as crianças, a combater a feitiçaria, e da necessidade de integração num mundo moderno, apesar da resistência que, às vezes, essa mesma população demonstrava certo contra-gosto enraizado no costume.

Dentro dessa visão, realizou o congresso de Cassacá e uma outra célebre reunião de Ensálma, quase nas vésperas do seu assassinato, com importância de um congresso mas que nunca foi divulgado, porque a prática dos que o substituíram colide com as

suas ideias comunicadas nessas reuniões. **Cabral foi um político aberto a ideias, conhecimentos e práticas evoluídas. Dizia aos seus camaradas em Conacry que não seriam eles necessariamente os que viriam governar Cabo Verde e Guiné independentes.** O Presidente Aristides Pereira dir-me-ia que Cabral, durante a luta, apontava nomes de três individualidades em Cabo Verde como pessoas que poderiam ser presidentes do nosso país independente. O seu espírito de tolerância ficou bem patente no discurso em homenagem à morte do grande africano Kwame Nkumah, quando afirmou que a traição e a fidelidade são normais num homem. Isso, em Conacry e à frente de uma plateia internacional e de Sekou Touré, Presidente da Guiné-Conacry, que apoiava resolutamente à causa do PAIGC, mas que no entanto tinha feito desaparecer dezenas dos seus compatriotas a pretexto de tentativas de golpe de Estado. A insegurança manifestada no “post” independência em Cabo Verde por um regime fechado e autoritário não rima com a veia competitiva de Cabral, para quem *“a luta é que nos une, mas é ela que separa e distingue as pessoas, seleccionando os que tem valor daqueles que o não possuem”*. Os seus assassinos foram homens que ele tinha perdoado, mas mesmo esse trágico desfecho não justifica que fossem criados ambientes de perseguição e de medo frente a para com qualquer população indefesa. Por ter sido uma extraordinária figura, internacionalmente conhecida pelos valores de dignidade, de determinação e de heroísmo vis à vis à causa de África, da cultura e da paz, a Associação dos Actores Afro-Americanos na Hollywood, adoptou o seu nome na medalha de 1ª classe para distinção dos seus melhores actores.

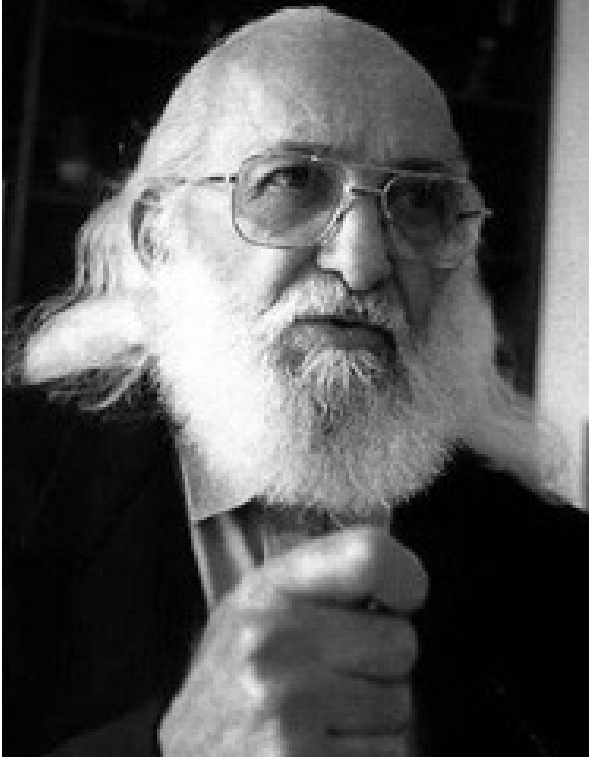
Cabral nunca quis ser chefe de guerra e acabou por sê-lo. A luta demorou muito mais tempo do que inicialmente se previa, e o PAIGC acabou por ter uma política de recursos humanos com demasiada influência militar e, foi o que muito de nós sentimos quando os militantes caboverdianos vindos de Conacry chegaram a Cabo Verde em 1974. Alguns acusaram-no de centralizador e, de permitir que o ambiente social do PAIGC naquela cidade que não era razoável, se deteriorasse, sem que ele tivesse tomado as medidas enérgicas que se impunham. De acordo com alguns observadores, e obras publicadas mais tarde, poderia ser esse ambiente que, explorado pela serviços da PIDE, acabou por ditar os mecanismos do seu assassinato. Entretanto, como o 1º responsável do exército de Libertação Nacional Cabral transformou-o numa organização dinâmica e acutilante, tal como fez em tudo em que se envolveu, fazendo com que pela primeira vez na História de África um exército africano derrotasse um exército europeu. Ciente de que isso um dia iria acontecer, numa reunião com os responsáveis anti-fascistas portugueses em Argélia, nos finais dos anos sessenta, em que esses tentavam dominar a discussão, Cabral lhes disse: *“não estou certo que a mudança de governo no vosso país irá mudar a nossa situação nas colónias. Mas estou certo de que se mudarmos de forma decisiva as condições militares e políticas nas nossas terras em África, a vossa situação mudar-se-á em definitivo”*. A substituição do primeiro ministro português Salazar por Marcello Caetano e a tomada de Guiledge nas matas do Sul da Guiné-Bissau vieram provar o acertado da sua profecia. Ele era um político de visão sobre quem Paulo Freire sustentou a seguinte afirmação: *“Para mim o camarada Cabral, era um profeta. O*

*profeta ou a profetiza, é exactamente quem, por viver intensamente o dia de hoje, adivinha o de amanhã. Eu usei o adivinhar propositadamente para valorizar um pouco, a tarefa de adivinhar na epistemologia. Eu acho que conhecer não é adivinhar, mas passa também pela adivinhação ou pela intuição para gente ser mais cortês. O profeta é exactamente essa pessoa que não tem nada do doido, que tem é uma profunda raiz no hoje que ele briga para transformar. E é exactamente essa práxis atolada no hoje que o faz, compreendendo o passado, prever, antever o futuro, porque ele sabe que o futuro afinal de contas se faz é no hoje que se transforma. E era isso que fazia Cabral, esse homem capaz do pensar seis anos na frente dele”.*

Cabral conhecia bem o marxismo e o utilizava de forma crítica nas suas análises políticas mas nunca como um dogma. Num congresso em Havana, interpretando o conceito de Marx segundo o qual a luta de classes é o motor da História, Cabral deu-lhe um domínio mais amplo, introduzindo o conceito do modo de produção também como factor da evolução da História. De facto, não podia aceitar que, em África, certas comunidades onde não havia classes sociais, se vivesse fora da História. Antes mesmo do surgimento histórico das classes sociais, havia conflitos, já havia lutas de interesses contraditórios, de dominantes e dominados. Uma das razões para recusar a luta de classes como motor da História é que ele não poderia aceitar que a África não tivesse tido existência antes dessa luta. Depois dessa reunião, Fidel Castro mandou distribuir nos liceus cubanos, a intervenção de Amílcar Cabral, que ele reconhecia como um pensador.



Amílcar Cabral



Paulo Freire



Cabral foi o que, na língua inglesa, se chama de “professional”. Foi um homem que imprimiu qualidade em tudo o que dele se conhece. Brilhou como aluno, como profissional e como líder de um partido de libertação. Com uma inteligência acima do normal e com uma linguagem clara e directa ele impressionou positivamente os seus interlocutores tanto nas ilhas de Cabo Verde, como nas matas da Guiné, nas capitais da Europa e na ONU. O escritor canadiano Malcolm Gladwell, com quatro livros best-sellers, num período de menos de dez anos, diz, no seu livro “Outliers”: “chegar-se ao status de eminente é uma combinação da capacidade intelectual, oportunidade e de prática, e de pelo menos de dez mil horas. Não existe nenhum caso de excelência mundialmente reconhecida que foi conseguida com menos tempo”. A teimosia dos dirigentes coloniais português, por ironia do destino, concederam a Cabral muito mais tempo de que as dez mil horas.

Ele era o “primus inter pares”, o líder dos movimentos de libertação em África, que representou, na ONU, os movimentos de libertação nacional de África e da Ásia. Utilizou com competência as duas línguas vivas internacionais, o inglês e o francês, para denunciar, com veemência a fome e as mortandades que ela causava em Cabo Verde, a emigração forçada de caboverdianos famintos para as roças de S. Tomé e Príncipe, e para divulgar as nossas aspirações políticas e descrever os esforços que fazíamos para sermos livres.

Como nos diz Basil Davidson, no seu livro “As ilhas Afortunadas”, ele surpreenderia os delegados das Nações Unidas, quando numa das sua primeiras intervenções no Comité de

Descolonização, lugar onde normalmente os líderes independentistas usavam chavões para caracterizar radicalmente o colonialismo, o seu “approach” fora diferente. Ele diria aos delegados desse fórum que, se as Nações Unidas eram uma organização que lutava para libertação e desenvolvimento dos povos, ele se encontrava aí para transmitir que, na Guiné e em Cabo Verde, sob a liderança do seu partido, homens e mulheres lutavam pelos ideais dessa organização mundial.

A mensagem primordial das suas comunicações era a de chamamento ao povo de Cabo Verde e da Guiné para se levantarem contra o colonialismo português que caracterizava de retrógrado, fascista e, com líderes ultrapassados que mantinham o povo na ignorância, com 44% de analfabetismo, durante quase meio século sem saber o que significava a liberdade e o progresso. Ele via na independência uma oportunidade estratégica ímpar para que esses países pudessem associar-se a outros mais evoluídos, quando, por ironia do destino, depois da independência, se acabou por entregar aos ex-colonos todas as empresas com potencial económico e tecnológico no nosso país. Na visão do Paulo Freire *“o neocolonialismo, barateia as despesas do colonizador, ele gasta menos e lucra mais, por que ele não precisa necessariamente de manter um espaço ocupado por seus funcionários, a sua burocracia. Ele vai substituindo a sua burocracia pela nacional, pagando menos. Na postura neocolonialista, a língua do colonizador continua sendo absolutamente fundamental. Então, o colonizador faz tudo para preservação da sua língua, como presença de poder”*. E isto, infelizmente é o que passou a acontecer em Cabo Verde.

As comunicações de Cabral eram construídas de forma mais abrangente possível, envolvendo todos os “stakeholders”, com valores universais, para os contrapor aos dos dirigentes fascistas, que, isolados, remavam teimosamente contra a nova maré. Diria Cabral, num dos seus discursos: *“quando a humanidade descobriu sua unidade e luta por uma comunidade de interesses fundadas na paz, no conhecimento dos direitos dos povos à liberdade e igualdade entre os povos, os colonialistas procuram desencadear novas guerras coloniais”*. Quando analisava o comportamento das classes sociais perante a luta, ele não era dogmático. Quando defendeu que parte da pequena burguesia podia aliar-se aos trabalhadores na luta pela independência, o que acabou por acontecer, seria duramente criticado pela extrema esquerda caboverdiana, como não suficientemente revolucionário. Porém os mesmos que o criticaram ontem, hoje são mais burgueses do que a própria burguesia, até porque esta trabalha e produz. O tempo acabou por mostrar quem não era revolucionário. Nos seus discursos, criava uma expectativa de melhoramentos nas condições de vida das populações, sobretudo as deserdadas, em relação ao futuro, confirmando a nobreza e a sinceridade da causa e apontando os esforços que eram necessários, mas sem criar falsa esperança nem o fácil triunfo. Aconselhava a todos que deviam preparar-se para uma luta prolongada. Mas também, era consciente de que normalmente as guerras terminam em mesas de negociação e, como político consequente, lutou por isso e sempre esteve disponível para negociar com o governo colonial. É de se perguntar que regime era esse e que homens eram esses que o mantinham, que se recusaram a negociar com um político da

envergadura de Amílcar Cabral e, terão optado pelo seu assassinato. **E hoje, assistimos a indecorosas tentativas de branqueamento da dominação colonial inclusive por indivíduos com responsabilidades políticas no Cabo Verde independente.**

As suas ideias, a sua eloquência e, particularmente, a sua firmeza perante o colonialismo criaram-lhe uma empatia especial com os militantes da resistência interna na clandestinidade em Cabo Verde. Nos finais dos anos sessenta, sentia-se que a guerra colonial se tinha prolongado mais do que previsto e notícias de um ambiente de intrigas e de desacordos, que provinham de Conacry, não eram estimulantes para o moral dos militantes. Apercebendo-se disso, a contra-informação colonial lançou boatos inúmeros contra o PAIGC e contra Amílcar Cabral e, simultaneamente fez uma repressão feroz em Cabo Verde, com a perseguição dos principais responsáveis da luta da resistência interna. Fez constar que Cabral se tinha encontrado secretamente com Marcelo Caetano, o primeiro ministro português nessa altura e, que tinha aceite desistir da libertação de Cabo Verde a favor de independência da Guiné, como uma imposição da NATO (Aliança da Defesa do Atlântico do Norte) chefiada pelos EUA, no quadro da “detent”, do entendimento Breznev-Nixon, presidentes respectivamente da Ex-União Soviética e dos EUA. Nessa altura, militantes caboverdianos com formação universitária conhecidos como sérios e consequentes, deixaram o PAIGC em Conacry e refugiaram-se na Europa. Apesar dessa situação ter deixado apreensivos muitos militantes com responsabilidades, estes cerraram as fileiras atrás de Amílcar

Cabral. Queria aqui, publicamente, reconhecer o papel do Eng. Jorge Ferreira Querido, filho deste concelho, primeiro responsável nacional do PAIGC na clandestinidade em Cabo Verde, que, apesar de ter nesse grupo que saiu do PAIGC irmãos e primos e, de ter como cunhado o principal adversário de Cabral na questão da unidade Guiné-Cabo Verde, teve um papel de relevo em manter a coesão partidária e a ligação com Amílcar Cabral. Esta posição dos responsáveis da clandestinidade em Cabo Verde revelam a maturidade da organização partidária e uma solidariedade indefectível para com Cabral, facto político extraordinário como muitos outros de que nunca foram valorizados.

Nas relações internacionais, a estratégia de Cabral sempre foi de atrair o máximo de atenção para a causa dos povos que defendia, e manter-se à parte de questões alheias ao interesse da luta. Agradecia o apoio do Sekou Touré, presidente da Guiné, onde sediara o seu principal quartel general e elogiava o seu desempenho. Nunca criticou abertamente esse líder que vivia numa paranóia de golpes de estado, que muitas vezes eram inventados com objectivo de desfazer-se dos seus adversários. Por outro lado, desenvolvia relações estreitas com Senghor, Presidente do Senegal, que Sekou Touré tanto odiava. Foi consistente nessa estratégia com todos os governos que apoiaram a nossa libertação inclusive a ex-União Soviética o que deixou bem patente numa conversa com Dr. José Leitão da Graça, em Acra, capital do Gana. Diria Amílcar: “ordi txeu, trato mofino”(Regime duro com pouco benefícios sociais). No seguimento das deslocações que fazia à URSS, seguia sempre para

Roménia, que era ostracizada por Moscovo, para mostrar a sua independência em relação aos conflitos dos outros. No Departamento Exterior dos EUA, quando foi acusado de comunista por receber armas da ex-União Soviética, respondeu que, para libertar o seu povo da dominação do retrógrado colonialismo português, ele não se importaria de ir ao inferno buscar armas. E, que se os americanos estivessem disponíveis a enviar armas ao seu partido, ele estaria disposto a recebê-las.

A maior parte das comunicações que fez para os militantes do PAIGC e para os povos de Cabo Verde e da Guiné e, que hoje se encontram traduzidos em português e francês, fê-los na nossa língua materna como conhecedor do valor da sua comunicabilidade. Entretanto, não desprezava a língua portuguesa, que considerava a maior herança que iriam deixar na nossa terra. Contudo, o opinião de Paulo Freire é diferente sobre essa questão:

*“Então essa História de dizer que o crioulo não tem capacidade é uma balela, é reacionarismo, não é científico, é ideologia pura. Porque vem com qualquer outra linguagem, a capacidade de crescer e de se desenvolver. Qual é a língua hoje que não tem uma série enorme de introduções do inglês? Para mim o único deslize de Cabral é exactamente num texto dele, que eu tenho aqui, quando dele diz que o maior presente que os tucas deixaram, para ele, foi a língua. Nenhuma cultura pode ser avaliada como absolutamente ruim, ou absolutamente boa. Cultura é necessariamente diferente. Então o que você vai ter é que ver o que é que você pode fazer para aproveitar dos tucas, o que eles têm de positivo. Disseram-me que, foi nesse momento aí que Cabral fez essa afirmação. Por tanto, que essa afirmação era tática. Agora, se eu fosse*

*camarada dele naquele tempo, amigo eu diria: – Não publica isso, muda Cabral, mesmo com toda tática que tu tens que ter, tu tens outros caminhos de evitar a sectarização. Ele dizendo isto estava aceitando uma coisa absolutamente inexistente, que era a língua como puro instrumento. Então eu acho que, não foi só a tática não, eu acho que aí Amílcar errou. Mas é bacana você encontrar um baita de um erro num sujeito extraordinário como ele”.*

Os discursos de Cabral transmitiam a boa nova, mensagem de esperança, confiança no povo subjogado, em cujo alma e orgulho tocava, apontando para um novo alvorecer. Ele uniu e inspirou o povo caboverdiano solicitando o melhor que podia oferecer, acabando por mobilizar inclusive elementos de camadas sociais que eram consideradas potencialmente antagônicas, como altos funcionários caboverdianos no governo colonial em Cabo Verde. Mas foi sobretudo na camada da juventude que ele conseguiu penetrar no imaginário, convencendo-a de que o alvorecer do novo dia dependia fundamentalmente do seu esforço e, a inspirava de que eram capazes de fazer o que muitos consideravam impossível, facto a conduziria a uma entrega sem limites, mais tarde depois da independência, questionada por alguns cínicos que se esqueciam de que a idade cronológica não coincide necessariamente com a mental e, que o amadurecimento é consequência de vivências e exigências intensas, sobretudo quando há uma entrega para uma causa desafiante e nobre, num ambiente fascista de altos riscos, não assumíveis por qualquer um.

Apesar da intensa rivalidade americana-soviética durante o período da guerra fria, em que o Ocidente assistia a sua influência

hegemónica a diminuir com a derrocada das colónias nos anos sessenta, na América Latina, Caraíbas, na África e na Ásia, e em que os países governados com ideologia marxista consideravam os movimentos de libertação assim como as organizações dos trabalhadores do mundo ocidental como seus aliados naturais contra o imperialismo, as iniciativas diplomáticas do seu partido foram de evitar qualquer catalogação que pudesse prejudicar os apoios com que contava poder vir de qualquer latitude, apesar de, na proximidade dos anos setenta, já ser considerado como uma estrela no mundo dos movimentos revolucionários. Foi nessa ocasião que conseguiria o apoio material dos países nórdicos da Europa e de ser recebido pelo Papa Paulo VI em 1970, acontecimentos cruciais e da maior importância no isolamento de Portugal colonialista e na evolução da luta para a independência. A audiência do Papa Paulo VI a Amílcar Cabral, Agostinho Neto e Marcelino dos Santos, respectivamente líderes dos movimentos de libertação de Cabo Verde e da Guiné, de Angola e de Moçambique, foi para o povo caboverdiano profundamente religioso e católico, uma das maiores vitórias diplomáticas do PAIGC, que profunda consequência para o avanço da Luta em Cabo Verde.

O respeito e humanismo que tinha aos seus semelhantes, inclusive em relação àqueles a quem combatia foi demonstrado não só em relação aos chamados traidores do povo, mas também em relação aos soldados portugueses capturados, que mandava entregar à Cruz Vermelha Internacional, enquanto os portugueses nos torturavam e nos deixavam apodrecer nos campos de concentração em Tarrafal e S. Nicolau em Angola. Nas



instalações da ONU, uma vez procurou e chegou a contactar caboverdianos e guineenses, como Baltazar Barros e Pinto Bull, que o governo português utilizava para serem seus porta-vozes e, tentar ludibriar a opinião pública internacional de que tinha o apoio político dos habitantes das colónias. Cabral descomplexadamente dialogou com eles numa base de respeito, quando eram vaiados sobretudo pelos representantes dos países africanos como traidores de África. Algumas notas do seu punho chegadas às nossas mãos deixaram claro de que ele se preocupava com as pessoas, com a nossa exposição à PIDE em Cabo Verde, sem qualquer esconderijo nem refúgio como havia na Guiné e em Conacry, portanto indefeso à frente do inimigo, não obstante o que a resistência interna se opôs firmemente ao colonialismo, e tornou possível o regresso vitorioso dos que estavam em Conacry, numa contribuição fundamental para independência de Cabo Verde na qual viria ser esquecida e marginalizada.

Segundo Freire, Cabral encarnou o sonho de libertação de seu povo e os procedimentos políticos pedagógicos para a realização desse sonho. A um militar que lhe tinha apresentado um plano de ataque capaz de destruir a principal força dos colonialistas numa região que estes dominavam, mas também que poderia causar perdas da ordem dos 50%, Cabral ripostou: *“Olha, vocês fizeram um plano, um projecto de guerra, de luta, como se tivessem esquecido de que nós estamos com a História, e a História connosco. Os portugueses é que estão contra a História. Então não há mal nenhum que a gente retarde o momento último da última pá de terra em cima do colonialismo, por um tempinho mais, sem perder tanta gente. E então concluiu dizendo o seguinte: O que interessa a nós é expulsar os colonialistas,*

*não necessariamente matá-los. Para expulsá-los, precisamos matar alguns e morrer. Por isso vocês vejam que a colocação é ao contrário, inclusive é uma colocação, que me parece profundamente normal, porque eu nunca pude admitir, quando se pensa, por exemplo, que revolucionário é gente truculenta que anda querendo matar”.*

Numa outra ocasião aos seus soldados disse: “ *Eu preciso de duzentos de vocês para mandar para Conacri, para Instituto de Capacitação, para capacitar os duzentos e depois trazê-los para o interior do país para as zonas libertadas, no sentido de trabalhar como professores*”. E aí o jovem militar...que comentava anos depois sobre esse diálogo:

*“Como é que eu, que estava com um fuzil na mão, vendo o meu companheiro cair morto junto de mim, os tucas matando a gente, como é que eu podia naquela hora pensar que pudesse haver a possibilidade de duzentos de nós saírem da frente de luta para ir estudar. Então a minha reação foi a seguinte: Mas camarada Amílcar, esse negócio de educação fica para depois.”*  
*“ Eu pensava que o camarada Cabral ia trazer para cá mais duzentos guerrilheiros, e não tirar duzentos de cá”.E Cabral vai e diz a ele: “E por que você acha que não está certo isso?” E o moço diz: “Porque a gente não pode perder essa guerra”.Cabral então diz: “Mas é exactamente para não perder a guerra, que eu preciso de duzentos de vocês”.E o moço continuava sem acreditar e sem entender, sobretudo. E aí dizia Amílcar: “-E o que acontece é que daqui a cinco anos por aí, seis, quando essa geração que está aí juvenzinha, chegar ao momento da luta definitiva, vai precisar de instrumentos de guerra, que não são os que vocês estão usando, mas instrumentos de guerra que vão exigir conhecimento matemático que vocês não tiveram e nem têm, são acontecimentos científicos de que a geração outra vai precisar”.Aí disse ele: “E o que nós precisamos no momento é exactamente levar duzentos de vocês, para serem formados no sentido de voltar a formar*

*cá”. O moço me olha e me diz: “Camarada Paulo, eu fui então para Conacri. Confesso ao senhor que eu fui sem entender muito, mas fui. Estudei, capacitei-me e voltei. Formei quadros aqui que eram realmente os quadros da geração que tinha que ganhar, e vi alunos que estudaram comigo derrubando aviões tucas, com foguetes, esses foguetes soviéticos”. Parou, olhou para mim e disse: “Camarada Paulo Freire, foi por isso que no começo eu disse ao senhor que eu sou capaz de pensar seiscentos metros em torno de mim, e que o camarada Cabral pensava seis anos na frente dele”.*

Essa visão de Amílcar Cabral deve inspirar-nos hoje, quanto instalamos as primeiras Universidades no país, relativamente à qualidade e orientação que se pretende adoptar, pois o desenvolvimento do país e a evolução técnico-científica actual, exigem que haja da parte do governo uma regulamentação competitiva do sector. Com tudo o que fazemos hoje ao nível local, competimos globalmente.

Certa vez, Luís Cabral, primeiro Presidente da Guiné Bissau, seu irmão, nos disse, em Madina de Boé, que Amílcar tinha dado ordem a um grupo de soldados para ocuparem um colina estratégica longe da fronteira. Tempos depois, numa visita de inspecção a esse grupo, Amílcar encontrou esses homens muito aquém da posição que deviam ocupar. E disse-lhes o seguinte: *“Armas ta bem na caxoti mas coràji sta na peto”* (As armas vem em caixotes mas a coragem está no peito de cada um). Este tipo de comunicação, curto, conciso, claro e sem equívoco, revela o talento pedagógico que lhe caracterizou a liderança e lhe granjeou o respeito e admiração dos militantes da independência.

Amílcar Cabral foi um visionário, um pensador, um político aberto, um homem de acção a nível mundial que precisa de ser estudado sem complexos. Tem havido alguma confusão, no nosso país, entre as digladiações partidárias que têm dividido exageradamente o povo, particularmente nas periferias, com a verdadeira História deste país e dos actores que contribuíram de uma forma abnegada para causa, como Amílcar Cabral, que deu a sua própria vida para a nossa libertação nacional. São debates sérios em plenários abertos como este em que tudo se pode questionar, que irão ajudar-nos a compreender melhor os fenómenos da independência e a contribuição de todos os militantes, sem a injustiça de omissões e sem a violência de ostracismos. Estou convicto de que assim e então a figura de Amílcar Cabral ficará devidamente evidenciada em toda a sua grandeza humana.

*Muito obrigado.*

Pedro Rolando dos Reis Martins

*Arquitecto*

Assomada, 19/01/2010

---

\* Texto revisto da comunicação proferida na Universidade de Santiago em 19/01/2010

## BIBLIOGRAFIA

1. “Amílcar Cabral – l’arme de la theorie”. François Maspero, Paris. 1ª Edição 1975
2. “Amílcar Cabral – la pratique revolutionnaire”. François Maspero, Paris. 1ª Edição 1975
3. “Amílcar Cabral-O pedagogo da revolução” -Palestra -Curso de Mestrado da Faculdade de Educação Universidade de Brasília,8 de Novembro de 1985. Texto gravado e organizado por:Laura Maria Coutinho
4. “Testemunho de um Combatente” –Pedro Martins, 3ª Edição-2009
5. “The fortunated Iles - African Transformation” – Basil Davidson- Hutchinson, London – First Edi. 1989
6. Vila de Assomada” –Dr. Henrique Santa Rita Vieira – Associação dos Amigos de Santa Catarina - 1ª Edição -1975
7. “Memórias e Reflexões”- Juvenal Cabral- Instituto da Biblioteca Nacional- 2ª Edição 2002
8. “Cabo Verde-Formação e extinção de uma sociedade escravocrata” (1460-1878), –António Carreira - Instituto Caboverdiano do Livro, com patrocínio da Comissão da Comunidade Económica Europeia, 2ª Edição 1983

9. “Outliers –The story of success”- Malcolm Gladwell-  
Little Brown and Company-1ª Edição 2008
  
10. “The World is Flat –A brief history of the twenty first  
century”- Thomas Friedman – Farrar, Straus and Giroux-  
NY.1ª Edição 2006
  
11. “Subsídios para Coreografia da Ilha de Santiago”-  
António de Paula Brito - 1888